ESCRITAS GESTADAS NO CORPO E NA VOZ: PERFORMANCES E DICÇÕES POSSÍVEIS NAS NARRATIVAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS E CONCEIÇÃO EVARISTO

III Encontro Nacional de Letras no Litoral Norte da Paraíba - ELLIN-PB, 3ª edição, de 08/05/2024 a 10/05/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-093-9

CASSIANO; Bruna [1], DIAS; Bruna Martins Nóbrega de Araújo [2]

RESUMO

Escritas gestadas no corpo e na voz: performances e dicções possíveis nas narrativas de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo

Bruna Cassiano

Bruna Martins Nóbrega de Araújo Dias

Resumo: Este trabalho se propõe a analisar a forma como as obras Diário de Bitita (2014), de Carolina Maria de Jesus, e Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrevivência (2005), de Conceição Evaristo, apresentam-se como lugar de inscrição de saberes e conhecimentos contra-hegemônicos. Há diversas formas de saber, de inscrever e de grafar compreensões que não se restringem à modalidade escrita, como indicam as narrativas de ambas as autoras. Os sujeitos negros lançados às constantes travessias e migrações provocadas pelo sistema escravista precisaram registrar as próprias memórias na voz e no corpo, em "performances da oralidade", entrecruzando tradições e recordações orais africanas "com todos os outros códigos e sistemas simbólicos, escritos e/ou ágrafos com que se confrontaram" (MARTINS, 1997, p. 26), assim como ilustram as narrativas de ambas as autoras citadas. Ao passo que a mãe de Conceição Evaristo evocava o sol para secar as roupas das patroas, o avô de Carolina Maria de Jesus clamava pela chuva para irrigar a terra e trazer bonanças à família. Nesses contextos, corpos e vozes grafavam e entoavam saberes tradicionais, heranças a serem repassadas a duas meninas que se tornariam escritoras negras no futuro, conscientes do valor e da urgência da palavra. Logo, com base nas considerações de Leda Maria Martins (2021), Hampâté Bâ (2010) e Sandra Petit (2019), Beatriz Nascimento (1989) e outros autores, este trabalho entrecruzará as narrativas de Conceição e Carolina, reconhecendo os pontos de contato entre essas duas autoras nascidas e criadas nas águas de Minas Gerais em tempos distintos, mas não dissonantes. Com isso, espera-se trazer à tona discussões sobre as diferentes cenas do fazer literário, ressaltando o poder que escritoras negras investem ao agir sobre o mundo por meio da palavra.

Palavras-chave: escrevivência; autoria negra; memória.

Considerações iniciais

A literatura pode se configurar como um espaço propício de celebração e manutenção da ancestralidade para grande parte das escritoras negras. Em suas produções literárias, autoras como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo comumente abordam a temática da memória, da construção identitária, do florescer de subjetividades negras, à medida que sinalizam a urgência de assumir a posição de sujeito do próprio discurso. Tais autoras fazem ecoar outras vozes e desejos de sujeitos negros em seus escritos por meio da partilha de experiências íntimas, mas que se atam fortemente a vivências coletivas.

Quando acessamos tais experiências, percebemos o quanto essas autoras fazem de suas obras literárias um lugar de onde elas possam ser ouvidas. Segundo Kilomba (2019), só se pode efetivamente falar quando se é ouvido. Atualmente, os olhos da crítica e da teoria da literatura voltam-se mais intensamente para as produções de intelectuais negras vitalmente comprometidas com a recriação de um ambiente que possa comportar as suas histórias, movimento imprescindível para a manutenção e o resgate da cultura negra, haja vista o apagamento sistemático de nossas

[1] Universidade Federal da Paraíba, bruna.lmbcassiano@gmail.com
[2] Universidade Federal da Para Paraíba, bmnadias@gmail.com

dores e subjetividades.

Assim, a produção de linguagem, seja ela escrita, falada ou cantada, cria um espaço possível para escritoras negras recontarem as suas próprias histórias, retomando o poder sobre suas próprias narrativas. Nesse processo de recriação artística da memória, podemos notar que a oralidade e o gesto, a performance, apresentam-se como traços fundantes dos escritos assinados por Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, autoras que trazem em suas produções fortes marcas da ancestralidade. As obras de ambas as autoras nos conduzem à ideia de que, anteriores à escrita, encontram-se saberes fundados sobretudo no corpo e na voz.

Obras como *Diário de Bitita* (2014), de Carolina Maria de Jesus, e *Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrevivência* (2005), de Conceição Evaristo, apresentam-se como lugar de inscrição de saberes e conhecimentos contra-hegemônicos. Nessas produções, temos acesso aos atravessamentos da cena de escrita das duas autoras, que dividem as mesmas origens, apresentando grandes semelhanças quanto à relação com as suas respectivas famílias e os seus pertencimentos étnicos. Nascidas e criadas em Minas Gerais, uma em 1914 e a outra em 1946, as duas intelectuais em questão endossam o valor da família e o respeito aos mais velhos em seus escritos.

Logo, neste artigo, nos propomos a analisar a forma como as obras citadas apresentam-se como lugar de inscrição de saberes e conhecimentos contra-hegemônicos. Com base nas considerações de Leda Maria Martins (2021), Hampâté Bâ (2010) e Sandra Petit (2019), Beatriz Nascimento (1989) e outros autores, este trabalho entrecruzará as narrativas de Conceição e Carolina, reconhecendo os pontos de contato entre as duas autoras pertencentes a tempos diferentes, mas não dissonantes. Com isso, espera-se trazer à tona discussões sobre as diferentes cenas do fazer literário, ressaltando o poder que escritoras negras investem ao grafar e entoar saberes tradicionais por meio da literatura.

Carolina Maria de Jesus: semente de sonhos e revoltas

As obras de Carolina Maria de Jesus, nas suas mais diferentes modos de expressão, evidenciam o movimento de uma intelectual negra que transborda através da palavra. Dona de uma escrita cortante, que atravessa tradições e, ainda hoje, instaura dicções e estéticas diversas, Carolina era uma autora de acúmulos: escrever era se derramar, devolvendo à terra o sumo das memórias conservadas no próprio corpo, renovando o solo com o florescer de novos horizontes.

Por meio desse gesto que se vinculava à luta pelo reconhecimento de sua humanidade, Carolina Maria de Jesus fecundava estradas a serem percorridas por muitas artistas e intelectuais negras nas gerações seguintes. A sua escrita abriu caminhos para que um conjunto em expansão de escritoras negras pudesse compor o panorama da literatura brasileira, rasurando modos hegemônicos de produção de conhecimento e de compartilhamento das nossas histórias.

A busca por um lugar melhor e o exercício de reconhecimento do valor das nossas origens vêm de longe. Nascida em um tempo de incertezas e de desconhecimentos quanto à sua genealogia, Carolina percebia, desde pequena, a importância da memória e a sua relevância para a sobrevivência e o fortalecimento do povo negro no Brasil. Em *Um Brasil para os brasileiros,* título inicialmente sugerido pela autora para a obra póstuma *Diário de Bitita* (1986), temos acesso à narrativa das recordações da infância e juventude entre Minas Gerais e São Paulo, sendo possível notar o elo prematuro entre Carolina Maria de Jesus e o universo da palavra.

A descoberta da leitura e da escrita nos primeiros anos de instrução escolar aliavam-se à imaginação fértil da jovem Bitita, modo como gostava de ser chamada. Interessada em compreender as estruturas da sociedade onde estava inserida, desde a tenra idade, era apontada como uma menina de comportamentos inapropriados para a sua condição. Tinha predileção pela companhia dos mais velhos e, mobilizada pela ânsia de saber mais sobre a vida, elaborava perguntas complexas que causavam aborrecimentos frequentes. Na primeira metade do século XX, morava no campo, na companhia de uma família negra numerosa, com quem dividia um terreno comprado pelo avô materno Benedito José da Silva, um homem negro escravizado anos atrás.

[1] Universidade Federal da Paraíba, bruna.lmbcassiano@gmail.com
[2] Universidade Federal da Para Paraíba, bmnadias@gmail.com

O avô de Carolina fascinava-a. Muito do que ela se tornou é fruto dos ensinamentos passados por esse avô-griô, que portava o legado da família e o compartilhava com os seus descendentes através da contação de histórias: "[...] nós, os netos, recebíamos as palavras do vovô como se fossem um selo e um carinho." (JESUS, 2014, p. 60). Conhecido como "Sócrates Africano" por sua inteligência, Benedito nunca recebeu instrução escolar. Carolina Maria de Jesus descrevia-o como uma figura respeitada entre os demais habitantes do povoado onde morava, endossando a perspectiva de que "a escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si." (Tierno Bokar Salif *apud* A. Hampâté Bâ, 2010, p. 167).

Há diversas formas de saber, de inscrever e de grafar conhecimentos que não se restringem à modalidade escrita. Os sujeitos negros lançados às constantes travessias e migrações provocadas pelo sistema escravista precisaram registrar as próprias memórias na voz e no corpo, em "performances da oralidade", entrecruzando tradições e recordações orais africanas "com todos os outros códigos e sistemas simbólicos, escritos e/ou ágrafos, com que se confrontaram." (MARTINS, 1997, p. 26).

Para a família de Carolina Maria de Jesus, como pode ser visto no trecho seguinte, a reza se colocava como inscrição de um saber, gênero da tradição oral que conferia prestígio àquele que dominava a prática. A palavra oralizada envolvia-se no sagrado, denotando a força e a fé de quem dependia dela para não padecer:

Quando não chovia, as mulheres reuniam-se, iam fazer romarias, rezar aos pés dos cruzeiros e molhavam as cruzes e pediam a Deus para mandar chuvas, acendiam velas. O meu avô rezava o terço. Quem sabia rezar, era tratado com deferência especial. Ele recebia convites para ir rezar nos locais distantes. Depois do terço, nós bebíamos licor de abacaxi, e os comestíveis eram variados. [...] Eu ficava vaidosa por ser a neta de um homem que sabia rezar o terço, convencida que éramos importantes. (JESUS, 2014, p. 59)

A escritora estava inserida em uma sociedade oral, na qual a maioria das pessoas não aprendera a ler nem a escrever. Nessas sociedades, não somente a função da memória se desenvolve mais intensamente, como também a relação entre os sujeitos e as palavras é mais forte (HAMPÂTÉ BÂ, 2010). Falar é agir sobre a realidade, movimento que deságua na noção de "Oralitura" desenvolvida por Leda Martins (2003), que pode ser caracterizada como traços residuais da memória a inscreverem saberes por meio da voz e do corpo.

Nutrimos a ideia de que foi com o avô que Carolina Maria de Jesus talvez tenha aprendido a sua primeira lição acerca do poder da palavra, da performance que envolve o ato de produzir sentidos e transformar o mundo com a linguagem, seja ela falada ou escrita. Ao rememorar o medo sentido diante da morte iminente do patriarca da família, a autora evidenciava o caráter performático, ativo, dos saberes que o avô evocava e agenciava: "[...] quando o meu avô adoeceu fiquei pensando: "E se o vovô morrer? Quem é que vai rezar para chover? Todos precisam da chuva, mas o único que reza é o vovô." (JESUS, 2014, p. 116).

A reza caracterizava-se como um gesto fundado na voz e no corpo do avô com o dom de chamar a chuva, alterando o curso da natureza naquele espaço, intervindo ativamente sobre o plantio, fonte de renda de parte significativa da família e do povoado.

Nessa memória de Carolina Maria de Jesus, não deixamos de encontrar correspondências com as recordações da infância de Conceição Evaristo na segunda metade do século XX, narradas no texto "Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita" (2007). Ambas as escritoras presentificam em suas produções literárias saberes ancestrais, conhecimentos herdados e transmitidos de geração a geração que ganham novos aspectos em suas escritas.

Conceição Evaristo: "escrever, viver, se ver"

[1] Universidade Federal da Paraíba, bruna.lmbcassiano@gmail.com
[2] Universidade Federal da Para Paraíba, bmnadias@gmail.com

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, cresceu na favela do Pindura Saia, sendo a segunda filha de nove irmãos. Foi criada pelas mãos lavadeiras de sua mãe, dona Joana, e sua tia, Maria Filomena, vendo-se inserida numa realidade majoritariamente feminina. Apesar de não ter crescido rodeada de livros, as palavras faladas e compartilhadas por todas essas vozes-mulheres foram importantes marcadores para que ela desenvolvesse seu potencial de ouvir e contar histórias. Segundo a autora, "na origem da minha escrita ouço os gritos, os chamados das vizinhas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma pra outra suas mazelas, assim como suas alegrias" (Evaristo, 2020, p. 52).

Teve seus primeiros textos publicados na década de 90, na série *Cadernos Negros*, publicação do Grupo Quilombhoje, e em 2003 publicou seu primeiro romance: *Ponciá Vicêncio*. Seus outros livros publicados são: *Becos da Memória* (romance, 2006), *Poemas da recordação e outros movimentos* (poesia, 2008), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (contos, 2011), *Olhos d'água* (contos, 2014), *Histórias de leves enganos e parecenças* (contos e novela, 2016), *Canção para ninar menino grande* (romance, 2018).

A partir de um conceito cunhado por Conceição Evaristo, tem-se uma nova maneira de se nomear a escrita de mulheres negras: escrevivência. Uma escrita comprometida com a existência e atravessamentos sociais, psíquicos e políticos do corpo negro, conforme afirma a autora:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. (...) E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: "a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos". (EVARISTO, 2020: 30).

Assim, a autora aponta que poder fazer o uso das palavras como forma de se posicionar politicamente no mundo, é também uma forma de se negar a alimentar o imaginário que expõe corpos e narrativas negras a um lugar ainda ligado a um sistema escravocratas, possibilitando a essas mulheres além de ocupar o lugar de protagonista das suas (e dos seus) próprias histórias, exercer também uma ferramenta de liberdade.

No ensaio "Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita", texto que surge de uma fala realizada no 6º Seminário Nacional Mulher e Literatura/2º Seminário Internacional Mulher e Literatura, em 2005, Conceição descreve bem as influências de um "gesto antigo" de sua mãe, que se agachava, de cócoras, e desenhava um sol no chão, chamando-o nos dias em que a chuva ameaçava comprometer o dia de trabalho e, consequentemente, o sustento de sua família, conforme descreve esta passagem:

Na composição daqueles traços, na arquitetura daqueles símbolos, alegoricamente ela imprimia todo o seu desespero. Minha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele, assim como os artistas das culturas tradicionais africanas sabem que as suas máscaras não representam uma entidade, elas são as entidades esculpidas e nomeadas por eles. E no círculo-chão, minha mãe colocava o sol, para que o astro se engrandecesse no infinito e se materializasse em nossos dias. Nossos corpos tinham urgências. O frio se fazia em nossos estômagos. Na nossa pequena casa, roupas molhadas, poucas as nossas e muitas as alheias, isto é, as das patroas, corriam o risco de mofarem acumuladas nas tinas e nas bacias. A chuva contínua retardava o trabalho e pouco dinheiro, advindo dessa tarefa, demorava mais e mais no tempo. Precisávamos do tempo seco para enxugar a preocupação da mulher que enfeitava a madrugada com lençóis arrumados um a um nos varais, na corda bamba da vida. Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida? (EVARISTO, 2007, p. 16)

[1] Universidade Federal da Paraíba, bruna.lmbcassiano@gmail.com
[2] Universidade Federal da Para Paraíba, bmnadias@gmail.com

Na busca por compreender o gesto da mãe, que inscrevia palavras-desenhos na terra molhada como forma de se comunicar com o universo - como também entendendo a importância da sua vida marcada por uma realidade rodeada de mulheres, onde ela menina se empenhava na ação de ouvir e contar histórias -, Conceição fez também o movimento de constatação de como a escrita poderia chegar em terras-experiências tão áridas de conhecimento letrado: “se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, (...) E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, (...) escrever adquire um sentido de insubordinação.” (EVARISTO, 2007: 21).

Ao passo que a mãe de Conceição evocava o sol para secar as roupas das patroas, o avô de Carolina clamava pela chuva para irrigar a terra e trazer bonanças à família. Nesses contextos, corpos e vozes a grafar e entoar saberes tradicionais; heranças a serem repassadas a duas meninas que se tornariam escritoras negras no futuro. Nascidas e criadas nas águas de Minas Gerais, as autoras são de tempos distintos, mas não dissonantes. A formação de cada uma delas sustenta-se na valorização da memória e da ancestralidade, forças geradoras de suas produções escritas.

Consideramos esse um dos elos mais fortes que religam essas duas mulheres negras dispersas em “temporalidades curvilíneas”, percepção filosófica africana discutida por Leda Martins (2002, p. 84) ao abordar algumas das mais relevantes noções filosófico-conceituais africanas: o tempo e a ancestralidade. De seus antepassados e de suas antepassadas, as escritoras herdaram o poder de agir sobre o mundo por meio da palavra. A ancestralidade se insere, dessa maneira, como “fonte de inspiração, [que] matiza as curvas de uma temporalidade espiralada, na qual os eventos, desvestidos de uma cronologia linear, estão em um processo perene de transformação.” (MARTINS, 2003, p. 84). É o que nos conduz à compreensão de que Carolina Maria de Jesus escrevia e alterava o curso da vida de mãos dadas com o avô, Benedito José da Silva, assim como Conceição Evaristo segue produzindo literatura de braços dados com a mãe, Joana Josefina Evaristo.

Considerações finais

As histórias de mulheres negras e de homens negros nas Américas escrevem-se em uma narrativa de travessias e de migrações (MARTINS, 1997). Um quadro extenso de deslocamentos e readequações marca a nossa trajetória no último país a abolir a escravidão, levando inúmeras famílias a serem desfeitas e ocasionando, em muitos casos, uma quebra na transmissão de saberes. Nesse contexto, era fundamental e estratégico gravar memórias na voz, no corpo, único documento de que se podia ter posse. A oralidade e a performance eram tudo o que restava a essas pessoas, impedindo que diversos legados fossem esquecidos.

Nas curvas do tempo, onde tudo vai e retorna, Carolina e Conceição reencontram-se, sobretudo na inscrição de saberes não-hegemônicos a pulsarem em seus escritos. Nessas produções literárias, é nítida a influência da oralidade, do gesto, da performance, na maneira como a memória é abordada, e em como através das vozes e palavras dessas mulheres negras, se faz possível legitimar as suas próprias existências e se desviar do epistemicídio.

A força e concepção dessa escrita marcada pela memória, aponta para a possibilidade de uma construção não apenas estética e simbólica, mas também política, visto que ao falar de si, sujeitos negros falam de todo um povo e, assim, conseguem também trabalhar suas raízes e culturas, e desejos-sonhos de um futuro próspero e possível para os seus.

Assim, percebemos que as palavras das duas escritoras se conectam pela urgência de narrar e poetizar sobre as agruras de um segmento da população brasileira que continua sendo massacrado. Através de suas obras, recriam realidades, nomeando e referenciando as nossas dores e os nossos amores.

Referências

[1] Universidade Federal da Paraíba, bruna.lmbcassiano@gmail.com
[2] Universidade Federal da Para Paraíba, bmnadias@gmail.com

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In: *História Geral da África I*: Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

EVARISTO, Conceição Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio. *Representações performáticas brasileiras:* teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 16-21.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: Editora SESI-Serviço Social da Indústria, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, Leda Maria. Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar. In: ARBEX, Márcia; RAVETTI, Graciela. (Org.) *Performance, exílio, fronteiras*: errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/ UFMG: Poslit, 2002.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar de memória. *Letras*: Língua e Literatura: Limites e Fronteiras, Santa Maria, UFSM, n. 26, jun. 2003. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881. Acesso: 20 jun. 2024.

ÔRÍ. Direção de Raquel Gerber; Roteiro e Narração de Beatriz Nascimento. São Paulo, 1989.

PETIT, Sandra Haydée. *Pretagogia*: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores - Contribuições do legado africano para a implementação da Lei no 10.639/2003. Belo Horizonte: Nandyala, 2019.

PALAVRAS-CHAVE: escrevivência, autoria negra, memória

[1] Universidade Federal da Paraíba, bruna.lmbcassiano@gmail.com
[2] Universidade Federal da Para Paraíba, bmnadias@gmail.com